

Para 'Post', o modelo econômico vai mudar

O jornal norte-americano **Washington Post** anunciou, em sua edição de ontem, que o Brasil está se preparando para alterar profundamente seu modelo econômico passando de uma economia altamente protecionista para uma "de tipo asiático", aberta a todo e qualquer investimento de empresas multinacionais. O jornal — no artigo assinado por seu correspondente no Brasil, Richard House — afirma que o atual momento é de transição e que as autoridades econômicas brasileiras estão buscando um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) — "prestes a acontecer" —, que certamente promoverá "um novo fluxo de capital estrangeiro para setores produtivos nacionais".

Ao citar um pronunciamento recente do presidente José Sarney, o **Post** afirma que o governo brasileiro considera a economia do País antiquada: "Precisamos importar tecnologia" — declarou Sarney ao **Post** —, acrescentando que "as idéias protecionistas são relíquias dos anos 50". Sarney, segundo as informações do **Post**, pediu que o ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, elaborasse uma nova política industrial para o País que "garantisse a instalação de novas fábricas de qualquer natureza e procedência sem que fosse necessário conceder-lhes incentivos ou qualquer tipo de subsídios".

Para Sarney, esse novo modelo se baseia na mesma estratégia adotada por nações asiáticas, como Formosa e Coreia do Sul, que "experimentaram um vertiginoso progresso industrial nas últimas décadas". Os planos governamentais seriam criar seis zonas de exportação — tipo Zo-

na Franca de Manaus —, "que possibilitariam ao País aumentar seu saldo na balança comercial, criar novos empregos e, ao mesmo tempo, representar um investimento de baixo custo aos empresários internacionais".

Apesar das críticas ao projeto de vários segmentos políticos que vêem na estratégia o "enfraquecimento do Estado", o governo crê que a iniciativa é a única viável para tirar o País da atual crise. Igor Cornelsen, representante do **Libra Bank** — um consórcio de credores dos EUA, Europa e Japão —, sintetizou a situação: "É melhor transformar o Brasil numa grande Formosa que vê-lo como uma nova Nicarágua". O próprio Cornelsen adiantou que muitos banqueiros estão interessados em transformar seus créditos no Brasil em investimentos e essa operação poderá atingir, de imediato, 20% dos US\$ 68 bilhões que o País deve aos bancos comerciais.



José Hugo Castelo Branco